Esperança, João Paulo T. - *Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor*, in: «Mealibra – Revista de Cultura», Viana do Castelo (Portugal), Centro Cultural do Alto Minho, série 3 (16), Verão 2005, p. 131-134

Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor

Antes de mais um esclarecimento se impõe. Porquê literatura "de Timor" e não "timorense"? É que não pretendo limitar-me aqui aos autores nacionais, mas sim incluir também um pouco daquilo que há para ler de naturais de outras paragens que tenham tomado Timor como tema literário. Não me irei debruçar sobre as recolhas de literatura oral e tradicional, tema que guardarei para outra oportunidade. Não quero, no entanto, deixar de chamar a atenção para o facto de que muito poucas das que foram até hoje publicadas são realmente merecedoras deste rótulo. Uma recolha feita com critérios científicos tem como um dos seus princípios base o reconhecimento da existência de múltiplas versões do mesmo "texto", as quais devem ser registadas da forma mais fiel possível ao que foi realmente enunciado pelos informantes. O registo na língua original é condição absolutamente essencial. Só depois se pode partir para uma análise minimamente credível. Uma das obras que se aproxima deste método é *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, publicada em 1961 pelo Pe Artur Basílio de Sá (1), apesar de o texto em tétum térique das lendas ter sido depurado e fixado pelos mestres-escola Paulo Quintão e Marçal Andrade. Também merecedora de destaque é a compilação (sem aparato crítico) *The book of the Story Teller (2)*, dado à estampa na Austrália em 1995, na qual apenas o título e algumas notas introdutórias estão em inglês, mantendo-se nos textos em tétum as expressões e repetições características da performance oral do contador de histórias. A grande maioria das restantes colectâneas da arte verbal dos timorenses é afinal uma reformulação mais ou menos literária, inspirada na tradição, mas recriada numa outra língua.

Antes da chegada dos portugueses a Timor, no início do século XVI, já outros povos visitavam estas costas para fazer comércio de sândalo, essencialmente chineses, malaios e javaneses. Dado que os povos de Timor não conheciam a escrita, foram estes estrangeiros os primeiros a deixar breves apontamentos sobre a ilha e os seus habitantes. Foram os portugueses, porém, que começaram a estabelecer-se permanentemente, principalmente através de missionários católicos, séculos antes da efectiva ocupação colonial do território. Gradualmente viriam a aparecer monografias, memórias, dicionários e livros de orações em línguas locais, da autoria de religiosos, militares, administradores, viajantes e deportados. Um dos mais conhecidos é *A ilha Verde e Vermelha de Timor*, de Alberto Osório de Castro, primeiro publicado na revista Seara Nova, em Junho de 1928 e Junho de 1929, e depois, em livro, pela Agência Geral das Colónias, em 1943. Recentemente foi reeditado pela Cotovia (3). Trata-se de um peculiar livro de viagens, escrito em prosa poética, cheio de informações exaustivas sobre a ilha, a sua natureza e as suas gentes. Um pequeno volume de Paulo Braga, *A Ilha dos Homens Nus (4)*, é digno de nota pela forma como o autor

*Publicado em duas partes no *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal timorense *Semanário*, nº 3 [4] e nº 4 [5], Junho e Julho de 2004. A versão em tétum foi publicada no *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 8, Setembro de 2004

** Timor-Leste

[1] SÁ, Artur Basílio de [ed. crítico] – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, vol.1, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar/ Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961

[2] PEREIRA, Agio [compilador] – *Timor: The book of the Story-Teller*. Cabramatta (Austrália), Timorese Australian Council, 1995

[3] CASTRO, Alberto Osório de – *A ilha verde e vermelha de Timor*. Lisboa, Livros Cotovia, 1996

[4] BRAGA, Paulo – *A ilha dos homens nus*. Lisboa, Editorial Cosmos, 1936

[Pág. 132]

faz a descrição do Ataúro visto (recriado?) pelos seus olhos idealistas: uma sociedade tradicional libertária, sem exploração do homem pelo homem, onde impera o amor livre. A época do colonialismo fez surgir também um tipo de ficção a que chamamos hoje "literatura colonial", que na definição clássica de Pires Laranjeira é aquela que é "*escrita e publicada, na maioria esmagadora, por portugueses de torna-viagem, numa perspectiva de exotismo, evasionismo, preconceito racial e reiteração colonial e colonialista, em que a visão de mundo, o foco narrativo e as personagens principais eram de brancos, colonos ou viajantes, e, quando integravam os negros, eram estes avaliados superficialmente, de modo exógeno, folclórico e etnocêntrico, sem profundidade cultural, psicológica, sentimental e intelectual* " (5). Em Timor, um bom representante deste género é *Caiúru*, de Grácio Ribeiro (6). Novela de pendor autobiográfico, conta-nos as aventuras e desventuras de um jovem comunista deportado por actividades políticas contra o regime fascista em Portugal, que aqui vive um idílio amoroso com uma nona de nome Caiúru. Apesar de mostrar alguma simpatia com os condenados a trabalhos forçados e com os revoltosos de Manufahi, e de se orgulhar de, ao contrário dos camaradas, não espancar os criados, a sua situação privilegiada de branco fala mais alto do que as suas inclinações políticas, e hei-lo a tomar atitudes de senhor todo poderoso dos destinos do seu semelhante autóctone. O livro constitui um interessante documento sociológico, que nos mostra aspectos da realidade da época, nomeadamente como se processava a compra de uma nona – que lhe custou mais barata do que o cavalo que também adquiriu. As nonas são assunto recorrente da literatura escrita por metropolitanos, talvez por constituírem um dos lados da sociedade local com que mais de perto interagiam, representando assim as moças para os seus companheiros expatriados um papel de janela para o mundo timorense. Grácio Ribeiro retoma o tema da vida dos deportados políticos num romance publicado posteriormente (7).

Já integrado na corrente da literatura pós-colonial, e fortemente crítico dos males do colonialismo, destaco *Corpo colonial (8)*, "*um romance profundamente feminino, que nos conta o percurso de Alitia, mulher de um alferes miliciano colocado em Timor, colónia distante e esquecida onde a guerra colonial não chegou e o tédio é o principal inimigo dos militares. Pode dizer-se que é um livro de leitura difícil, onde o desenrolar da narrativa é constantemente interrompido por longos monólogos filosóficos ou diálogos inverosímeis sobre questões existenciais, mas que nos oferece um interessante painel sobre a vivência das mulheres dos militares colocados naquela ilha entre a Ásia e a Oceânia e sobre a própria condição de ser mulher. É também um romance de desencanto, de traições e de vidas incompletas.*"(9) O enredo anda em torno da aproximação entre a protagonista e Manucodiata, a jovem prostituta timorense que o seu marido frequenta, e dá conta de uma realidade nova nas relações entre os metropolitanos e algumas mulheres locais: "*Antigamente, os brancos barlaqueavam as nonas. Depois*

da vinda da tropa contentam-se em dar dinheiro para abaixar o sarão" (RUAS, 1981:16). Um livro de sinal completamente oposto ao da literatura colonial é *Uma deusa no "inferno" de Timor*, de Francisco A. Gomes (10). Este livro pertence ao que poderíamos chamar uma "literatura de remorso", cheio de referências depreciativas a tudo o que seja português e de personagens timorenses (principalmente mulheres) revolucionárias cheias de seguidores, completamente anacrónicas, fantasistas e desenquadradas do que era a realidade histórica e social local nas épocas em se situa a acção. Retomando uma vez mais o velho tema, temos *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense)* (11). Uma pequena novela, ambientada nos anos que precedem o fim da administração colonial portuguesa, cujo autor demonstra um conhecimento mais profundo da cultura e história timorenses, ainda que na narrativa praticamente só nos seja dado a conhecer o ponto de vista dos magalas sobre o que vai acontecendo – quase nada ficamos a saber afinal sobre Joaquina Mêtan, a sua maneira de ver o mundo, as suas reais emoções e relações sociais, para lá da sua existência enquanto nona de um malai. O livro é assinado por Filipe Ferreira, mas o estilo da escrita leva-me a formular a hipótese de que este seja o nome literário escolhido pelo grande historiador de Timor e da presença portuguesa na Ásia, Luís Filipe F. R. Thomaz.

Saltemos de seguida para o mundo da poesia, agora da pena de autores timorenses. Destes o mais representativo será talvez Fernando Sylvan, pseudónimo literário de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira. Tendo sido levado para Portugal ainda criança, jamais perdeu a identificação afectiva com a sua terra natal, motivo constante da sua poesia, a par com temas mais universais como a celebração do amor e da mulher amada. Intelectual empenhado, ocupou durante bastantes anos o cargo de Presidente da Sociedade da Língua Portuguesa. O essencial da sua obra poética está reunido no livro *A Voz Fagueira de Oan Tímor (12)*. Faleceu no dia de Natal de 1993. Eis um pequeno texto, publicado então por Luís Cardoso ("Takas") no *Kaibauk – Boletim de Informação Timorense* (13):

[5] LARANJEIRA, Pires – *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 26
[6] RIBEIRO, Grácio – *Caiúru*. Lisboa, Colecção «Amanhã», 1939
[7] RIBEIRO, Grácio – *Deportados*. s.l., edição de autor (?), 1972
[8] RUAS, Joana – *Corpo colonial*. Coimbra, Centelha, 1981
[9] ESPERANÇA, J.P. – *Uma leitura lilás de* Corpo colonial *de Joana Ruas*, in: «Revista Lilás», Amadora, (29), Dez. 2000, p. 15-29
[10] GOMES, Francisco A. – *Uma deusa no "inferno" de Timor*. Braga, Ed. do autor, 1980
[11] FERREIRA, Filipe – *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense)*. Lisboa, ERL-Editora de Revistas e Livros, 1992
[12] SYLVAN, Fernando – *A voz fagueira de Oan Tímor*. Lisboa, Colibri, 1993
[13] "TAKAS", Luís – *Fernando Sylvan ou O Silêncio das Palavras.* «Kaibauk – Boletim de Informação Timorense», Linda-a-Velha, 1(7), Jan-Fev 1994, p. 14

[Pág. 133]

"*Fernando Sylvan*
ou O Silêncio das Palavras

Depois
(mas só depois)
os galos
lutarão sem lâminas

Este é o poema dedicado a Xanana Gusmão. Fernando Sylvan era um poeta para quem as palavras e só as necessárias deviam ser ditas. Pois o silêncio não é o vazio das palavras. Mas, no dia 25 de Dezembro, quando todos procuravam as mais variadas palavras para saudarem o Nascimento do Menino, Fernando Sylvan calou-se. E o seu pequeno corpo curvou-se sob o peso do silêncio que, desta vez, tinha o peso de todas as palavras.

Do exílio, desde os tempos de menino e depois de décadas de ausência da ilha querida, fizeram com que ele próprio construísse com palavras ilhas que salpicavam o oceano do seu silêncio e tormento. Estudou o idioma português e usou a sua escrita como "ai-suak" para escavar até ao fundo das palavras onde procurava o que unia todas as línguas, entre as quais, a da sua infância.

Finalmente, no dia de todos os nascimentos, Fernando Sylvan deixou-se cair nos braços da mãe de todas as línguas: o silêncio ou a palavra muda."

Sylvan é um dos poetas timores incluídos na colectânea *Enterrem meu coração no Ramelau (14)*, publicada em Luanda pela União de Escritores Angolanos, ao lado de José Alexandre Gusmão, Jorge Lautén, e outros menos dotados literariamente, que o tempo se encarregou de fazer esquecer. Dois casos na poesia timorense são representativos da literatura profundamente alinhada ideologicamente, Borja da Costa (incluído na colectânea da UEA), na esquerda revolucionária, e Jorge Barros Duarte (15), na direita reaccionária. O já citado José Alexandre Gusmão, mais conhecido por Xanana, actualmente Presidente da República, publicou em 1998 *Mar Meu – Poemas e pinturas (16)*, escrito na prisão. Diz-nos o escritor moçambicano Mia Couto no prefácio: "*E naquelas páginas confirmei: pela mão de um homem se escreve Timor. Um livro de Xanana Gusmão não poderia ser apenas um livro. Por via da sua letra se supõe falar todo um povo, uma nação. Há ali não apenas poesia mas uma epopeia de um povo, um heroísmo que queremos partilhar, uma utopia que queremos que seja nossa*." Esta primeira edição é bilingue, com tradução para inglês de Kirsty Sword e Ana Luísa Amaral; mais tarde surgiria uma nova edição, também bilingue, com apoio do Instituto Camões, traduzida para tétum por Luís Costa. João Aparício é outro nome a reter, com dois livros de poemas publicados pela Caminho, *À janela de Timor (17)* e *Uma casa e duas vacas*. Um outro, sob o pseudónimo Kay Shaly Rakmabean, foi publicado pela Real Associação de Braga, com o título *Versos do Oprimido* (18). Abé Barreto, que na sequência do massacre de Santa Cruz, aproveitou a presença no Canadá num programa de intercâmbio de estudantes universitários para pedir asilo político, e que veio a distinguir-se como cantor de intervenção ao lado do activista canadiano Aloz MacDonald, publicou na Holanda em 1995 *Menari Mengelilingi Planet Bumi* (Dançando à volta do Planeta

[14] UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS – *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor-Leste*. Luanda, 1982
[15] DUARTE, Jorge Barros – *Jeremíada*. Odivelas, Pentaedro, 1988
[16] GUSMÃO, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / My Sea of Timor – Poems and Paintings*. Porto, Granito, 1998
GUSMÃO, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / Tasi Ha'un – Dadolin no Taturik*. Porto, Granito/Instituto Camões, 2003
[17] APARÍCIO, João – *À janela de Timor*. Lisboa, Caminho, 1999
[18] RAKMABEAN, Kay Shaly – *Versos do Oprimido*. Braga, Real Associação de Braga, 1995

Terra), poesia em língua indonésia, e em 1996, na Austrália, *Come with me singing in a choir*. Há outros jovens autores timorenses que se têm expressado poeticamente, alguns

com livros já publicados, outros com colaboração dispersa por jornais e boletins diversos. Cito dois: Crisódio Araújo e Celso Oliveira. Um poeta que, ainda que português, se salienta pela sua identificação e proximidade espiritual com Timor e os timorenses, além da qualidade literária dos seus escritos, é Ruy Cinatti. Poeta, agrónomo, antropólogo, botânico, a sua obra é vasta e conhecida, incluindo os títulos *Não Somos Deste Mundo* (1941), *Poemas Escolhidos* (1951*), O Livro do Nómada Meu Amigo* (1966), *Sete Septetos* (1967), *Borda d'Água* (1970), *Uma Sequência Timorense* (1970), *Cravo Singular* (1974), *Timor – Amor* (1974), *O A Fazer, Faz-se* (1976), *Poemas* (1981), *Manhã Imensa* (1982), e *Um Cancioneiro para Timor* (1996).

São escassos os escritores timorenses a dedicarem-se ao romance. Ponte Pedrinha, pseudónimo literário de Henrique Borges, é autor de *Andanças de um Timorense*, publicado em 1998 pelas Edições Colibri (19). O poeta moçambicano José Craveirinha escreve no prefácio: "*Mágoa imensa tão belo canto ter produzido este frágil texto. Frágil e modesto mas incontestavelmente sincero. Sincero e Grande!*". Episódio crucial na estrutura da narrativa é o desrespeito por parte do jovem casal Kotená e Kêti-Kia, de uma antiga tradição dos ataúros, segundo a qual a noiva na noite de núpcias devia partilhar o leito não do seu marido mas de um tio deste. O mesmo costume é referido pelo Padre Jorge Barros Duarte: **"***Decorridos dois ou três dias sobre a fase preliminar, a mãe do noivo vai buscar a noiva a casa dos pais desta e leva-a para casa do noivo. É nesta fase que o irmão mais novo do pai do noivo* roi tada *(«experimenta» intimamente, i.e. desflora) a noiva."* (20). Numa posição de relevo, temos finalmente Luís Cardoso, o mais genial dos autores timorenses, com três romances publicados, além de colaboração dispersa por vários jornais e revistas. *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam (21)* é um relato autobiográfico que acompanha a história recente de Timor e uma série de travessias quer físicas quer interiores na vida do narrador e do seu pai, tudo a acontecer num universo mágico que em Timor impregna também a História, ou a percepção que as pessoas têm da História. *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* (22) entra mais fundo nesse mundo do fantástico, e vai à procura de mitos fundamentais do imaginário colectivo timorense, como os que rodeiam a revolta de Manufahi. *A última morte do Coronel Santiago* (23) maneja habilmente as técnicas narrativas enquanto vai contando as aventuras de figuras que incluem um escritor *alter ego* do autor, apaixonado pela personagem feminina principal do último romance deste. O maravilhoso e o fantástico do sobrenatural timorense fundem-se com a ironia típica de Luís Cardoso e com referências abundantes aos ambientes, obras e referências de uma certa intelectualidade de esquerda europeia e moderna.

Saindo novamente da esfera da produção nativa, dois livros mais merecem ser aqui mencionados, dentro do que podemos denominar de "literatura de denúncia". *Saksi Mata (24)* (Testemunha Ocular) é um conjunto de contos ambientados no Timor da época da repressão indonésia, escritos por Seno Gumira Ajidarma, um dos autores mais significativos da geração mais recente da literatura indonésia. Os contos foram sendo publicados em jornais daquele país, depois de Ajidarma ter sido demitido das funções que exercia na revista *Jakarta Jakarta* por ter noticiado o massacre de 12 de Novembro de 91. Uma pequena editora, a Bentang Budaya, fez sair a primeira edição em livro em 1994. A obra vai ser brevemente publicada em tétum pela Timor Aid, com tradução de Triana Oliveira. Estou a traduzi-la também para português, mas ainda sem editor à vista. Um outro volume digno de atenção é *A redundância da coragem (25)* de Timothy Mo, publicado originalmente em inglês em 1991. O autor, filho de mãe inglesa e pai cantonês, consegue descrever admiravelmente a sociedade timorense dos últimos tempos da administração portuguesa, os primeiros anos da guerra no mato, e a vida dos

que depois se renderam ou foram capturados, tudo isto pela boca sarcástica do narrador Adoph Ng, um chinês timorense, homossexual e homem do mundo algo deslocado na sua terra natal, já que o pai o tinha mandado fazer os estudos universitários em Toronto, no Canadá.

A literatura escrita por timorenses tem sido, com poucas excepções, fundamentalmente em língua portuguesa, veículo de afirmação de resistência, identidade e nacionalidade. Creio que a geração actual, que se vai libertando da pressão cultural dos anos passados a decorar o *Pancasila* em indonésio, não tardará a fazer nascer também uma literatura pujante de vida e de novidade em tétum. Vamos lendo e vendo...

[19] PEDRINHA, Ponte – *Andanças de um timorense*. Lisboa, Colibri, 1998
[20] DUARTE, Jorge Barros – *Timor – Ritos e Mitos Ataúros*. Lisboa, ICALP, 1984, p. 49
[21] CARDOSO, Luís – *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997
[22] CARDOSO, Luís – *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001
[23] CARDOSO, Luís – *A última morte do Coronel Santiago*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003
[24] AJIDARMA, Seno Gumira – *Saksi Mata, cetakan keempat*. Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 2002
[25] MO, Thimothy – *A redundância da coragem*. Lisboa, Puma Editora, 1992